

## **Psicanálise e suas clínicas: avanços e aberturas <sup>1</sup>**

**Deodato Curvo de Azambuja <sup>2</sup>**

Seguirei a sugestão, a mim encaminhada, de focalizar meu comentário em apenas um aspecto do trabalho de Ana Paula e procurarei fazê-lo a partir de algumas referências a seu caso Fernando e a dois casos meus. Será um comentário a partir da clínica.

Proponho ficarmos com a ideia de que clínica é “apenas” se inclinar em direção ao outro. Será que isso é pouco? Cabe falar “apenas”? Mas será que o modelo “Clínica” é de fato um bom modelo?

Talvez possamos delimitar algo como sendo “apenas”, quando posso circunscrever, “isso ou aquilo”, em um determinado campo. No nosso caso, quando se trata de psicanálise, esse campo designamos de *setting*.

É, por exemplo, quando encontramos apenas duas pessoas, analisando e analista, dentro de uma sala. Isso, porém não é bem assim, pois existem muitos movimentos ou emoções, entre os dois, que se esparramam para fora da sala. E muitas outras emoções que vêm de fora, pois nós analistas, desejamos ajudar, curar com nossa ciência, e também comunicar posteriormente o que fazemos, pensamos, etc.

E o mundo exterior quer também participar. Desejamos ganhar dinheiro com nosso trabalho e o mundo quer ser cuidado.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado em oficina sobre as plenárias no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

<sup>2</sup> Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise

A partir daí, saímos pelo mundo em busca de outros settings, até que resolvemos que o setting está em nós, o que melhora um pouco a confusão.

Dinheiro é uma das conexões que mantemos com a sociedade. Não a única, é claro. Outra é a linguagem, que nos possibilita afinal, entre outras coisas, o desenvolvimento do processo psicanalítico.

Falando em comunicação, vou me ater agora à informação inicial, trazida por Ana Paula sobre Fernando, e também a algum material da minha própria clínica, todos ligados a dificuldades mais ou menos importantes de comunicação ou linguagem, e sempre refletindo sobre “o que fazer o que pensar”.

A queixa de Fernando era, no começo da análise, de que não conseguia falar.

Uma paciente que acompanhei há muito tempo, que chamarei de Sofia, não se queixava disso, mas talvez até ao contrário. Ela em resumo, queria outra coisa que, nunca fiquei sabendo direito, devido a seu mutismo acentuado.

Tentarei explicar melhor posteriormente.

Voltando ao caso de Fernando; escreve Ana Paula: “com cada analisando temos que criar uma forma de nos comunicarmos (...). Nestes quatro anos de trabalho (...) fomos construindo a nossa interação (...) ainda temos que enfrentar os silêncios que tem se tornado mais um silêncio *a dois* (...) têm sido um *ato preparatório para o sonho*”.

Pensando agora na análise de Sofia, que atendi há décadas, quando em formação, com supervisão e tudo, em um ritmo de cinco vezes por semana, vejo como já disse diferenças importantes. Ela falava, quando muito, uma ou duas frases por sessão. E eu falava muito, talvez procurando preencher o vazio angustiante que se criava.

Eis que após uns dois anos, eu lhe digo, em uma sessão, no meio do silêncio: “não sei o que lhe dizer”. Depois de algum tempo ela responde: “então está bom”.

Revendo o relatório que fiz sobre a análise de Sofia, encontrei outras surpreendentes manifestações, nessa mesma linha monossilábica; entendo agora a necessidade que ela devia sentir de poder ter apenas uma companhia silenciosa. E para quê?

A resposta pode estar no “ato preparatório para o sonho”, que Ana Paula nos trouxe, e sobre o qual poderíamos nos debruçar, ou clinicar. Inicialmente, lembrando que se o sonho é a via régia para o inconsciente (apud Freud), na sala de análise, estaremos nos preparando para acolher o inconsciente, como a alma do outro.

Essa é uma resposta, mas não sei se existe só uma resposta. Sei que a partir dessa resposta, poderíamos também mergulhar em um vazio infinito, ou mesmo em uma saturação ou excesso infinito de respostas. Ou, quem sabe, em um processo analítico, ou de reflexão simplesmente, na busca da elaboração de excessos e vazios.

Penso que minha paciente estava sim buscando elaborar ou refletir sobre sua vida, sua psicose, seu sofrimento e estava, com sua frase singela (“então está bom”), me ensinando como ajudá-la. Pode ser também, diante da minha perplexidade, naquele momento, que ela tenha preferido voltar ao seu silêncio significativo.

Esse é um problema da linguagem. Podemos pensar que a comunicação que conta é apenas a verbal, o que pode ter a ver com a necessidade de provas documentais, científicas. Se a comunicação fosse só assim, não poderíamos, afinal, aceitar as artes, a religião, como motores fundamentais da cultura.

Tomando essa questão da cultura, vamos a uma nova abertura que Ana Paula nos propõe de fundamental importância ao escrever: “hoje, nossa clínica se expandiu para fora dos domínios

dos consultórios. A escuta e o pensamento psicanalítico estão presentes nos hospitais, nas instituições de assistência social, varas judiciais, nas escolas, em diferentes âmbitos. Esta diversidade da clínica oxigena a psicanálise.

“(…) Vivemos tempos conturbados e instáveis, com um panorama marcado pela polarização (…)

Ana Paula enfim, como Freud, chama nossa atenção para o fato de que somos a todo tempo e lugar envolvidos por conflitos e desamparo. E que dependemos a todo tempo da ajuda do outro. Mas principalmente introduz a presença constante de um terceiro, a nosso favor ou contra nós?

Isso me faz lembrar do filme e do livro “O enigma de Kaspar Houser”, de Werner Herzog, o filme, e de Jacob Wassermann o livro, cujo subtítulo é “ Cada um por si e Deus contra todos”, o que significa extremo desamparo.

Lembro-me também de outro caso, que chamarei de José, que passou por uma situação de excesso de demandas e, ao contrário de Sofia, tinha muita dificuldade de se defender desses excessos. Sofia entrava simplesmente em mutismo. E José, de um lado tinha seu pai/patrão exigindo mundos e fundos; de outro, sua mulher querendo comprar tudo do bom e do melhor, para ela e para seu filho, de poucos anos de vida.

Ele chegou um dia muito angustiado, queixando-se de que seus braços pareciam estar pegando fogo, e ele nessa situação de angústia, sentia-se inexistente. Pareceu-me que, simbolicamente, o “patrão-pai” representava seu passado, família de origem, e a mulher/filho, sua família atual e futura.

Em outros termos, sentia-se sem tempo, quer seja passado ou futuro, pois queimava de ambos os lados (braços), não conseguia assumir seu centro/coração, sua alma; cá entre nós, seu inconsciente atemporal. E ei-lo em pleno desamparo.

Gostaria de ressaltar, a partir desses casos, o poder do “negativo”. E como esse poder está presente principalmente no que observamos da adolescência. Não sei se isso é apenas da adolescência atual. O atual é o que dá para observar; sentir.

O adolescente não quer falsas soluções; quer a verdade, e a verdade é um lugar sem lugar. Dentro dessa linha, Winnicott entende que a cura da adolescência é apenas o crescimento. É o que todos nós precisamos, afinal. Somos todos adolescentes.

No caso de Sofia, o protesto contra falsas soluções, assume uma forma de extrema negatividade. Um mutismo acentuado, com uma angústia absurda, devido ao desamparo insuportável, que a meu ver levou-a à análise.

Outra maneira de entender o negativo é através do entendimento do negativo como ataque ao vínculo, não apenas com o outro, mas com a própria vida, ou como o trabalho fundamental da pulsão de morte. Tal movimento pode abrir espaço, ou lugar para novas construções. Claro que nem sempre. Muitas e muitas vezes é destruição pela destruição apenas.

Podemos parar por aqui.

Obrigado!